



PSICANÁLISE

Donald Meltzer

Vida onírica

Uma revisão da teoria e da técnica psicanalítica

Blucher

VIDA ONÍRICA

*Uma revisão da teoria e da
técnica psicanalítica*

Donald Meltzer

Tradução

Valter Lellis Siqueira

Revisão técnica

Marisa Pelella Mélega

Dream life: a re-examination of the psychoanalytic theory and technique

Donald Meltzer

© 1984 Clunie Press for The Roland Harris Educational Trust

© 2018 The Harris Meltzer Trust

© 2018 Meg Harris Williams for Foreword

Vida onírica: uma revisão da teoria e da técnica psicanalítica

Donald Meltzer

© 2022 Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Thais Costa

Preparação de texto Tampopo Editorial

Diagramação Felipe Giguek

Revisão de texto MPMP

Capa Leandro Cunha

Imagem de Capa I.C.

Fotografia Aline Anguely

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Meltzer, Donald

Vida onírica: uma revisão da teoria e da técnica psicanalítica / Donald Meltzer ; tradução de Valter Lellis Siqueira ; revisão técnica de Marisa Pelella Mélega. - São Paulo : Blucher, 2022.

280 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-538-1 (impresso)

ISBN 978-65-5506-534-3 (digital)

Título original: Dream life: a re-examination of the Psychoanalytical theory and technique

1. Psicanálise 2. Interpretação de sonhos – Psicanálise I. Título II. Siqueira, Valter Lellis III. Mélega, Marisa Pelella

22-1412

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Agradecimentos	5
Prefácio	11
Prefácio da edição brasileira	15
Parte 1: Fundamentos teóricos	19
1. A visão freudiana do sonho como guardião do sono	21
2. O problema epistemológico na teoria dos sonhos	43
3. A ampliação da metapsicologia de Freud por Klein e Bion	61
Parte 2: Uma teoria revisada da vida onírica	79
4. O sonho como pensamento inconsciente	81
5. Símbolo, signo, epítome e quintessência	111
6. A vida onírica: o teatro gerador do significado	135

7. A interação da linguagem visual e da linguagem verbal nos sonhos	149
8. A fronteira entre os sonhos e as alucinações	177
Parte 3: A prática da investigação dos sonhos	193
9. A fronteira entre os sonhos e as ações	195
10. Exploração e análise dos sonhos	205
11. Narrativa e continuidade nos sonhos	229
12. Resistência à análise dos sonhos no paciente e no analista	241
13. O sonhar para aprender da experiência no paciente e no analista	253
14. A recuperação pela análise e o método autoanalítico	263
Referências Bibliográficas	275
Sobre o autor	279

1. A visão freudiana do sonho como guardião do sono

A menos que parta de uma base sólida, calcada na obra pioneira de Freud, nenhuma empreitada que se disponha a examinar os sonhos e a vida onírica do ponto de vista psicanalítico pode ter um avanço considerável nessa questão sem criar mais confusão que clareza. Uma visão efetivamente crítica, e não meramente apreciativa, da obra de Freud flui quase imediatamente para o escopo do problema, abordado em grande parte nos primeiros dias de sua carreira como psicólogo, de uma desconcertante divisão entre sua tendência à forma e à prova de teorias rígidas, e sua extraordinária capacidade de observação e especulação imaginativa.

Antes de procedermos a um exame de sua rica e fascinante variedade de observações e conjecturas, é necessário expor e examinar a teoria menos interessante, com o principal propósito de descartá-la em nossa futura exposição. A brevidade pode parecer depreciativa, mas isso seria injusto. Não pode haver a menor dúvida da importância histórica da teoria e da base que ela ofereceu

para a evolução da prática clínica. E muito pode ser recuperado que seja duradouro e interessante, como os conceitos de censura e de trabalho onírico. Contudo, a base da teoria está tão profundamente enraizada num modelo neurofisiológico da mente, com sua equação mente-cérebro, que não suporta o peso das investigações do significado dos sonhos.

A. O guardião do sono

Nenhuma das evidências propostas por Freud é mais contundentemente argumentativa que a tese de que os sonhos são os guardiões do sono, e não seus destruidores. A hipótese estava tão completamente ligada ao pressuposto de que o sono é um processo puramente fisiológico que despertar e dormir estão, em relação ao cérebro, como o catabolismo e o anabolismo em relação ao corpo como um todo. Nenhum outro propósito poderia ser assinalado, se visualizasse os sonhos como valiosos para o organismo no sentido darwiniano.

Consequentemente, Freud só teve duas opções: ver o sonho como protetor ou como perturbador do evento fisiológico. O mesmo problema parece ter sido encarado pelos fisiologistas com relação à dor física. Numa época anterior à descoberta de que a dor é transmitida por determinadas fibras para determinados pontos do sistema nervoso central, era bastante natural pressupor uma base quantitativa para a diferenciação entre os estímulos prazerosos e os dolorosos. E Freud adotou essa mesma visão com relação à dor mental. Todo o modelo da mente era desfavorável para a consideração dos processos de um ponto de vista qualitativo, e a larga experiência de Freud no laboratório de neurofisiologia naturalmente o predis pôs a uma visão quantitativa. O fato de ser uma das visões mais respeitáveis da profissão médica não poderia ter

deixado de o impressionar, como muitos de seus próprios sonhos em *Traumdeutung* enfaticamente confirmam. No mundo da literatura e da arte românticas, no entanto, uma visão muito diferente era igualmente respeitada. No mundo da “agonia romântica”, os personagens eram repetidamente apresentados como seres atormentados por seus sonhos, temerosos de que no sono pudesse se repetir.

B. O sonho como realização do desejo

Não é possível extrair da obra de Freud nenhuma conceituação do que ele quer dizer por “desejo”. Intenção, motivo, plano, desejo, impulso, expectativa? Considerando-o como algo relacionado ao desejo, ele só é temporariamente irrealizado ou existe alguma possibilidade, oposição ou conflito? Considerando-o como intenção, existe algum plano de ação com relação ao qual se poderia, razoavelmente, esperar que o conduza à realização? Como desejo ou motivo, ele é necessariamente positivo ou pode ser igualmente negativo, de modo que algum evento não possa ocorrer? Suspeita-se de que Freud estivesse trabalhando sem um conceito de onipotência e queria dizer mais ou menos o seguinte: um desejo é algo que vislumbra sua realização sem levar em consideração os meios necessários para essa realização. Se esse for o caso, a diferenciação entre sonho noturno e sonho diurno é eliminada com relação ao funcionamento mental como um todo. Na verdade, a impressão final que se tem da atitude de Freud com relação aos sonhos é que eles são de pouco interesse para o sonhador, exceto que lançam luz sobre a vida mental inconsciente, da mesma forma que são de interesse para o psicanalista. Os sonhos devem vistos como de interesse evidente, mas não como fatos da vida. Podemos deixar passar a impressão, digamos, de que “o sonho da injeção de Irma” foi

um evento na vida de Freud que o perturbou profundamente, não apenas pela luz que lançou sobre seu caráter, mas também porque aconteceu?

C. Conteúdo manifesto e conteúdo latente do sonho

A grande empreitada de demonstrar que os sonhos não eram sem sentido parece ter levado Freud a um tipo de erro lógico, ou seja, de confundir a obscuridade do significado com o significado enigmático ou oculto. Ele afirma claramente:

Os pensamentos oníricos e os conteúdos oníricos são apresentados como duas versões do mesmo assunto em duas linguagens diferentes. Ou, mais adequadamente, o conteúdo onírico parece uma transcrição dos pensamentos oníricos em outro modo de expressão, cujos caracteres e leis sintáticas cabem a nós descobrir, pela comparação do original com a tradução. (Freud, SE, IV, p. 277)

É claro que a grande dificuldade é de se obter “o original”, que para ele significa os pensamentos representados pelo conteúdo manifesto. Na medida em que ele segue esse modo de procedimento, é capaz de fazer um progresso com relação à elucidação do trabalho onírico, exceto quando insiste em sua intenção criptográfica. Podemos ver claramente que suas duas intenções, a de entender e a de resolver (como quebra-cabeça ou mesmo como crime), conflitam seriamente entre si e levam a todos os tipos de truques para desfazer a suposta astúcia do sonhador face ao censor de sonhos.

D. O censor de sonhos

É difícil lembrar que os modos imensamente sutis e complexos do pensamento que foram expressos em palavras a partir de “Luto e melancolia” ainda não faziam parte do caráter de Freud, então com 44 anos de idade e lutando com suas próprias neuroses, isolado por seus interesses, aferrado a um homem, Fliess, ao qual, frequente e singularmente, nesses volumes, ele se refere como “meu amigo”, enquanto os outros são chamados apenas de “amigos” ou “colegas”. O homem de *Traumdeutung* é um judeu vitoriano lutando por um lugar ao sol, tomando como garantidos os modos e valores de sua comunidade. A ideia do conflito ainda não encontrava lugar em suas teorias, pois que não havia nenhuma base neurofisiológica para essa ideia. Assim, a ideia de um censor dos sonhos era muito radical e sugeria uma estrutura mental para a qual nenhuma possível base anatômica podia ser imaginada. Não se deve achar que ele se referisse a algo como a estrutura mental mais tarde chamada de “superego”. Considere-se que uma diferença de estrutura conceitual é indicada pela adição (entre parênteses), feita onze anos depois da seguinte sentença:

Assim, o desejo de dormir (no qual se concentra o ego consciente e que, juntamente com o censor dos sonhos e a “revisão secundária que mencionarei posteriormente, constituem a participação no sonhar do ego consciente) deve ser, em todo caso, considerado como um dos motivos da formação dos sonhos, e qualquer sonho bem-sucedido é uma realização desse desejo. (p. 234)

Um “desejo de dormir” e um “ego consciente que se concentra num desejo de dormir” pertencem a tipos muito diferentes de mente. Um desejo não é mais, em 1911, uma tendência fisiológica cuja

realização é buscada; agora é algo em que “está concentrado” um ego. Além disso, ele pode ser visto em operação conjunta com um censor dos sonhos, e não apenas como usando dispositivos para dele se evadir.

Mas isso é em 1911; em 1900 o censor dos sonhos é mais um termo fantasioso para os excessos de estímulo que podiam interromper o sono, como nos sonhos malsucedidos. Em outras palavras, o argumento é relativamente tautológico. Se o sonhador permanece adormecido, o sonho foi bem-sucedido, o que significa que a censura dos sonhos foi evitada. Se o ladrão entra e o cachorro não late no nº 45, como aconteceu no nº 35, o ladrão foi mais silencioso... Ou talvez não haja nenhum cachorro no nº 45. Isso, porém, não é possível num modelo neurofisiológico; toda casa precisa ter um cachorro.

Essa é, na essência, a teoria enquanto teoria, a estrutura conceitual em torno da qual a riqueza das observações e conjecturas imaginativas desse livro que marcou época se entrelaçam. Mas, como no caso de *Três ensaios sobre a sexualidade*, os editores da Edição Standard introduziram uma confusão histórica ao unirem as várias edições por meio da interpolação, embora normalmente indicassem as datas de edições anteriores entre colchetes ou, por vezes, em notas de rodapé. Estas últimas são sempre localizadas no final do parágrafo ou da seção adicionada, de modo que não fica claro onde se iniciam na página. Isso cria uma grande confusão conceitual, pois o Freud que fez adições (e possivelmente eliminações – isso não foi esclarecido) em 1908, 1911 ou 1914 é um homem muito diferente em mais aspectos que teorias. É um enigma da história psicanalítica que a teoria dos sonhos, tão fundamentalmente não psicanalítica, tenha sido preservada ao longo dos anos em palavras, enquanto era desacreditada em ações em toda sessão na qual um sonho fazia parte. Pois hoje em dia não existe nenhum

“freudiano”, como se sentia em 1900, de tão grande que tem sido o desenvolvimento da estrutura conceitual, iniciada pelo próprio Freud, a transformação em Teoria Estrutural.

Ao se pôr de lado a “teoria dos sonhos” como essencialmente desinteressante para a prática do psicanalista, parece válido citar um único exemplo das visões que negam a teoria com veemência:

O conteúdo de todos os sonhos que ocorrem durante a mesma noite faz parte do mesmo todo; o fato de estarem divididos em diversas seções, bem como o agrupamento e o número dessas seções, tudo isso tem um significado e pode ser visto como uma informação que surge dos pensamentos oníricos latentes. (p. 333)

Esse conceito da continuidade onírica (ver Capítulo 11 deste livro) não pode se alinhar com a função momentânea da preservação do sono atribuída ao sonhar na “teoria”. É importante lembrar que o que Freud quer dizer com “pensamentos oníricos” são os pensamentos dos “restos diurnos” da vida em vigília que, em virtude de sua ligação com os inícios do desenvolvimento, têm um efeito particularmente perturbador sobre o estado inconsciente do sonhador. Dessa forma, os pensamentos oníricos são vistos como anteriores, em termos de existência, ao próprio sonho. Isso é coerente com um conceito estático do inconsciente, pois a memória, como função mental, passa a significar algo como “memória”, no sentido moderno da computação (armazenamento). Contudo, o próprio Freud tinha descoberto, à época do colapso da “teoria da sedução” da histeria, que a memória, ao contrário do recordar, é dinâmica e reconstrutiva, sujeita a todo tipo de incompletude, distorção, incorporação e adição.

Talvez não seja demais citar outro fator do pensamento de Freud que pode nos ajudar a entender sua atitude com relação aos sonhos em 1900:

...o sonho não dispõe de nenhum meio para figurar essas relações lógicas entre os pensamentos oníricos (se, porque, assim como, ou bem... sem as quais não podemos compreender sentenças) uma restrição semelhante encontramos nas artes figurativas, a pintura e a escultura. (p. 312)

Ele também poderia ter acrescentado a música, se achasse que toda música era “programática”, pois parece ter visto as artes plásticas como algo que narra uma história. Podemos ver que o pensamento e a linguagem lhe eram bastante indistinguíveis, e que o pensamento verbal se colocava como a forma simbólica primária da representação do significado. De fato, no texto, ele prontamente ilustra as muitas maneiras pelas quais os sonhos efetivamente representam as relações lógicas entre os pensamentos individuais.

Em suma, a pobreza essencial da estrutura teórica do livro deve-se principalmente ao preconceito e parece contrastar com a surpreendente riqueza das observações e das ideias construídas em torno delas. Lembramos da história dos filhos indolentes cujo pai, ao lhes deixar suas terras, disse-lhes que seu ouro estava enterrado em algum lugar a trinta centímetros do chão. Freud, em sua busca por “segurança, riqueza e fama duradoura”, parece ter se comportado como esses filhos. Os verdadeiros frutos da *Traumdeutung* devem ser encontrados no Capítulo VI, sobre o “trabalho onírico”, para o qual podemos agora voltar nossa atenção com prazer e alívio.

O trabalho onírico

O Capítulo VI do livro dos sonhos é de um fascínio infundável devido à sua riqueza de observação e pensamento perspicaz, apenas comprometido pela mixórdia editorial e talvez pela distribuição paternalista de honrarias aos admiradores e aos detratores do pobre Stekel. Mas a-pessoa-Freud se impõe da maneira mais perturbadora pela apresentação de seus próprios sonhos e das associações com eles. Somos sempre inclinados a apontar esse aspecto da *Traumdeutung* como exemplo da intrepidez de Freud na busca da verdade e de talvez situá-lo analogicamente entre os grandes pioneiros da medicina a fazer experiências em si mesmos, assim colocando em risco suas próprias vidas. Sem dúvida, existe uma verdade nisso e não o deprecia o fato de considerar outros aspectos para sugerir que um certo conflito depressivo operou em Koch e Pasteur. Pois também nos surpreende a ingenuidade de Freud ao revelar tanto de sua vida mental privada. É verdade que ele nunca menciona algum evento que o coloque em descrédito, mas revela fraqueza, ansiedades, motivos e emoções de que ninguém poderia se orgulhar. Com que objetivo? Ele tinha amplos suprimentos de sonhos e de suas respectivas análises para preencher seu livro. Com certeza, não havia nenhuma validade especial a se reivindicar da investigação de seus próprios sonhos; na verdade, pelo contrário, eles estavam abertos ao ataque que todas as forças da censura poriam em ação sob a forma de resistência no Freud desperto. Realmente, a impressão é, com muita frequência, bastante distinta:

Deve-se observar que foi permitido ao sonho ridicularizar meu pai, pois nos pensamentos oníricos ele se fixou numa inqualificável admiração como modelo para outras pessoas. Está na própria natureza de toda

censura que, das coisas proibidas, ela permita que as que não são verdadeiras sejam ditas, em detrimento das que são verdadeiras. (p. 437)

Como, portanto, devemos entender essas incursões autobiográficas? Elas não são tão surpreendentes numa pessoa idosa e abalizada escrevendo suas memórias, em que essas revelações de fraqueza só enfatizam as muitas virtudes reticentemente sugeridas. Mas, nesse homem isolado e solitário de 1900, parecem incompreensíveis. Seu caráter já estava consideravelmente sob o ataque das figuras do *establishment*, e até seu mentor, Breuer, havia se afastado, como o sonho que acabamos de mencionar acima claramente nos lembra, pois Breuer é a figura do ridículo exibida pelo pai admirado sem reservas. Uma resposta para esse enigma é sugerida acima, ou seja, a de que Freud tinha a ideia de que os sonhos nunca podiam falar a verdade diretamente – apenas indiretamente, como um jornal sob um regime tirânico. Mas, provavelmente, a resposta mais importante é a de que ele não acreditava que os sonhos pudessem dizer alguma coisa.

É por essa razão que a discussão do trabalho onírico no Capítulo VI amiúde parece paradoxal em seu desenvolvimento. Em quase toda seção da afirmativa teórica que introduz a subseção é então refutada pelos exemplos que se seguem. Num certo sentido, quase poderia ser denominada pelo termo “absurdo”, já que Freud o usa para descrever os aparentes paradoxos e aspectos absurdos do conteúdo manifesto de certos sonhos, como o que se refere à “embriaguez de seu pai em 1851”, do qual foi extraída a citação acima. Assim, do ponto de vista da “teoria dos sonhos”, o capítulo sobre o trabalho onírico é uma investigação do processo ilógico, em que o significado é, se quisermos que seja algo, destruído e não criado ou argumentado.

Talvez esse enigma, o da insistência de Freud de que todas as atividades intelectuais presentes no conteúdo manifesto dos sonhos derivam de fragmentos dos pensamentos de vigília que estão por trás dele, seja o mais surpreendente da análise do sonho da “dissecação de suas próprias pernas” (p. 453). O uso de material autobiográfico em sua obra, ou seja, sua autoanálise, bem como os fragmentos revelados em seus escritos, aqui é representado com ele tendo que dissecar suas próprias pernas por ordem de Brücke, seu chefe de laboratório quando estudava neurofisiologia. Sua amargura devida a essa invasão de privacidade e à exposição ao ridículo a que se via por suas teorias encontra uma expressão violenta na análise desse sonho. Ele também traça a raiz infantil do ódio dos pais por excluir a criança pequena de sua intimidade sexual. Isso talvez sugira a continuada submissão ao pai-da-neurofisiologia, cuja tirania ainda estava ativa no Freud dos 46 anos de idade? O fato de que esse sonho tenha ocorrido durante uma viagem de trem liga-o à fobia pelas viagens a que ele faz referência em muitas ocasiões. De qualquer modo, podemos conjecturar que isso lhe custou uma considerável luta íntima para se libertar dos preconceitos neurofisiológicos do período de Fliess e do *Projeto para uma psicologia científica* para eventualmente emergir como psicólogo fenomenológico que conseguia reconhecer que o passado estava presente na estrutura da personalidade, e não meramente enterrado como “lembranças” no inconsciente reprimido.

A Seção H do capítulo sobre o trabalho onírico, “Os afetos nos sonhos”, chega ao cerne da questão e esclarece a posição teórica de Freud sobre os afetos melhor que qualquer outra expressa em seus escritos. Fica claro que ele via os afetos como *manifestações* do sentido, e não como *continentes* do sentido. Com respeito a isso, ele seguia a linha darwiniana que rastreia as emoções do homem na expressão das emoções nos animais mais primitivos, assim confundindo seriamente a *experiência* da emoção com sua *comunicação*:

Nossos sentimentos nos dizem que uma experiência afetiva num sonho não é, de nenhum modo, inferior a uma de igual intensidade experimentada na vigília, e os sonhos insistem com maior energia em seu direito de serem incluídos entre nossas experiências mentais reais, com relação a seu conteúdo afetivo, que com seu conteúdo ideacional. Em nossa vida desperta, contudo, não podemos incluí-los dessa forma, pois não podemos fazer nenhuma avaliação física de um afeto, a menos que esteja ligado a certo material ideacional ou representativo. Se o afeto e a ideia são incompatíveis em seu caráter e intensidade, nosso julgamento desperto fica prejudicado. (p. 460, itálicos nossos)

Está claro que “nossos sentimentos nos contam” alguma coisa muito diferente do nosso “julgamento desperto”, e o problema está na decisão quanto à prioridade mental em funcionamento entre “os sentimentos” e “julgamento desperto”. Freud priva os sentimentos do significado do julgamento e, portanto, não pode permitir aos afetos, seja referente ao sonho ou à vigília, a posição de “experiências mentais” em si mesmas, mas apenas como derivativos do “material ideacional”. Portanto, para ele é natural lidar com os afetos como algo que pode ser separado de seu conteúdo ideacional apropriado, estando sujeito a deslocamentos e distorções, assim criando as conjunções paradoxais dos dois: *“A análise mostra-nos que o material ideacional sofreu deslocamentos e substituições, enquanto os afetos permaneceram inalterados”* (p. 463, itálicos de Freud).

Vamos examinar essa ideia em ação na brilhante análise do sonho “da privada ao ar livre”. Ei-la:

“Uma colina, sobre a qual havia algo semelhante a uma privada ao ar livre: um assento muito longo, com um buraco na extremidade. Seu encosto estava todo coberto com pequenos montes de fezes de todos os tamanhos e graus de frescor. Havia arbustos atrás do assento. Eu urinei no assento; uma longa corrente de urina lavou tudo; os montes de fezes foram facilmente varridos e caíram na abertura. No final, contudo, parecia que alguns deles ficaram” (p. 468).

Suas associações e interpretações levam à megalomania quanto às suas descobertas da etiologia infantil das neuroses, assim se comparando com Hércules nos estábulos de Áugias¹, com Gulliver em Lilliput etc. Ele também vê o tema gigantesco da vingança sobre a audiência às suas palavras no dia anterior como representando as forças que determinaram o seu “cavar na sujeira humana”, sintetizado por um bajulador que realmente o havia comparado a Hércules – para a profunda indignação de Freud:

O conteúdo do sonho teve que encontrar uma forma que o capacitasse a expressar as decepções da inferioridade e também a megalomania no mesmo material. O compromisso entre elas produziu um conteúdo onírico ambíguo; mas também resultou em tom de sentimento indiferente devido à inibição mútua desses impulsos contrários. (p. 470)

1 Referência a um dos doze trabalhos do mitológico semideus grego Hércules. Os estábulos de Áugias, rei de Élis, estavam repletos de esterco jamais removido. O herói deveria limpá-los sozinho e num só dia. Os estábulos ficavam entre o Alfeu e o Peneus, os maiores rios de todo o Peloponeso. Hércules, então, represou os dois rios e fez com que suas águas corressesem pelos estábulos, limpando-os totalmente em pouquíssimo tempo [N. T.].

A apresentação dessa pequena gema é precedida pela qualificação de “um sonho breve, que vai deixar todo leitor com asco”. Ao afirmar isso, Freud imediatamente confunde o leitor com o sonhador, mas também o Freud desperto com o homem dormindo tendo uma “real experiência mental”. O que ele chama de “tom de sentimento indiferente” é, com certeza, consequência de sua comparação da urina no sonho com a resposta emocional à imagem no homem desperto. Afinal, que homem não notou em si mesmo a complacência de um garoto que há nele enquanto lava uma tampa suja de privada? O homem adulto do dia anterior tinha notado em si mesmo a interação da megalomania quanto às suas realizações e a repulsa da qual ela derivava. O que ele não tinha observado, e o sonho revelava, no entanto, era a complacência infantil de remover com sucesso todo o lixo que tinha sido escrito sobre o assunto pelas “grandes” figuras da ciência. Bem, quase todo, “pois ainda restava um pouco”. Afinal, a complacência é o principal afeto que se faz presente na correspondência de comiseração mútua entre ele e Fliess nesse período.

Assim, poderíamos sugerir que Freud ocupou-se do problema errado ao apresentar esse sonho. Não se trata de “por que eu não senti nojo durante esse sonho” (p. 468), mas de “como o trabalho onírico encontrou uma representação eficaz para o afeto da complacência?”. Para fazer essa pergunta o examinador desperto do sonho precisaria começar com duas ideias que, na verdade, eram estranhas a Freud. Uma seria o reconhecimento de que o sonhar é efetivamente uma “experiência real” de vida, e a outra teria que ser a aceitação dos afetos como geneticamente anteriores ao conteúdo ideal. Nenhuma delas estava à disposição dele, pois seu preconceito com a origem do despertar de todos os pensamentos oníricos: “Sempre que há um afeto no sonho, ele também deve ser encontrado nos pensamentos oníricos. Mas a recíproca não é verdadeira. Em geral, um sonho é mais pobre em afetos que o material psíquico

da *'manipulação de que ele procedeu'* (p. 467, itálicos nossos). Essa é sua tese primeira, a de que os sonhos apenas manipulam material psíquico anterior, e a conclusão referente aos afetos segue-se com força lógica: “A inibição dos afetos, por conseguinte, deve ser considerada como a segunda consequência da censura dos sonhos, da mesma força que a distorção do sonho é sua primeira consequência” (p. 468). Aqui, poder-se-ia sugerir, está a mais clara revelação da natureza tautológica da “teoria dos sonhos” de Freud, bem como a mais contundente explicação da ausência de uma teoria substancial dos afetos ao longo de sua obra.

Antes de encerrarmos a discussão do conceito de trabalho onírico, com suas quatro categorias – deslocamento, condensação, formação do símbolo e elaboração secundária – é necessário recuar àqueles aspectos de que nos desviamos para considerar o tema central do papel dos afetos. Tendo feito isso, e considerado a visão que Freud tinha dos afetos e sua incapacidade virtual de formar uma teoria das emoções, podemos fazer um exame para trás e para diante, unindo as ideias de deslocamento, condensação e elaboração secundária de um modo mais coerente. O aspecto mais decepcionante do pensamento de Freud está nessa esfera: “As coisas que estão simbolicamente conectadas hoje provavelmente estavam unidas em tempos pré-históricos pela identidade conceitual e linguística” (p. 352). De maneira clara, os símbolos têm recebido o mesmo tratamento paleontológico recebido pelos afetos, ou seja, devem ser tratados como meros substitutos de A por B, com base no não-pensamento anacrônico, uma espécie de apêndice mental, um truque de codificação para escapar à censura: “Via de regra, a técnica da interpretação de acordo com as associações do sonhador deixa-nos numa enrascada quando chegamos ao elemento simbólico do conteúdo do sonho” (p. 353). O motivo é que “elas frequentemente têm mais que um, ou mesmo vários, significados,

como acontece com a escrita chinesa, chegando-se à correta interpretação apenas em cada ocasião do contexto”.

Uma situação similar ocorre com o conceito de condensação. Os itens do pensamento onírico são condensados, na opinião de Freud, apenas por um processo semimecânico de superposição com base na similaridade geral ou identidade dos itens. Não existe preocupação com o significado nessa condensação, mas apenas com a forma e a representatividade:

Contudo, a despeito de toda essa ambiguidade, é justo afirmar que as produções do trabalho onírico, que, deve-se lembrar, não são feitas com a intenção de serem compreendidas não apresentam maiores dificuldades para seus tradutores que as antigas escritas hieroglíficas para os que buscam lê-las. (p. 341, itálicos de Freud)

Isso parece estranho quando nos lembramos como eram incompreensíveis os hieróglifos egípcios antes da descoberta da Pedra de Roseta. As duas imagens, a escrita pictográfica chinesa e os hieróglifos, contudo, deixam claro que as visões que Freud tinha do problema da compreensão dos símbolos como uma retradução, já que a formação do símbolo é vista como um processo de tradução, uma mudança da forma, sem alteração ou incremento do significado: “Realmente, quando examinamos o assunto mais atentamente, devemos reconhecer o fato de que o trabalho onírico desse tipo [simbolização] não está operando nada de original ao fazer *substituições* desse tipo” (p. 345, itálicos nossos).

Tendo assim imposto uma teoria flutuante sobre um material resistente, tão flutuante pelo fato de as observações penetrantes estarem tão frequentemente atreladas a brilhantes intuições clínicas, Freud é forçado a calafetar toda a estrutura gotejante com um

conceito descaradamente artificioso, o da “elaboração secundária”. Poder-se-ia dizer que transforma em virtude sua própria pretensão, o tipo de hipocrisia inteligentemente chamada “pregar o que se pratica”:

O que a [elaboração secundária] distingue e, ao mesmo tempo, revela essa parte do trabalho onírico é seu objetivo. Essa função se comporta da maneira pela qual o poeta atribui algo ao filósofo: ela preenche os lapsos da estrutura onírica com remendos e trapos. (p. 490, itálicos de Freud)

E aqui ele se encontra repentinamente em águas profundas, tendo que considerar o sonho desperto (*day dream*, os sonhos despertos inconscientes, o pensamento inconsciente junto com a evidência da incrível velocidade com que o conteúdo do sonho se desdobra. O modelo neurofisiológico, tendo em suas raízes a bem conhecida taxa lenta de neurotransmissão, não consegue superar essa velocidade. É claro que nesta nossa era, a adesão ao modelo neurofisiológico e à equação mente-cérebro tem o recurso do computador para contornar essa questão, esquecendo esse conhecimento de que os nervos não transmitem, à maneira dos fios elétricos, à velocidade da luz. A solução ardilosa de Freud encara, com relação ao famoso “sonho da guilhotina” de Maury:

...uma fantasia que havia sido armazenada em sua memória por muitos anos e que foi despertada – eu deveria dizer “áludida” – no momento em que ele se tornou cômico do estímulo que o despertou [o pedaço de madeira que caiu em seu pescoço]. A frase-chave serve como porta de entrada através da qual toda a rede é simultaneamente posta em estado de excitação. (p. 496)

Não podemos deixar o Freud de 1900 sem examinar a revisão de suas ideias que ocorreu mais tarde em vida, e, ao fazê-lo, remeter-nos ao famoso Capítulo VII. Talvez o período transição por volta do ano de 1914 ilustre o dilema em que ele se encontrou com relação à sua teoria original. A irritabilidade com que resistiu a reconhecer a necessidade de revisão realça o problema central. O adendo de 1915 ao Capítulo VI inclui uma discussão do trabalho de Silberer sobre “o próprio ato da transformação dos pensamentos oníricos em imagens” em que esse autor dividiu o fenômeno por ele observado em duas categorias, a “funcional” e a “material”, com a primeira expressando o estado mental do sonhador, e a segunda, seus posteriores pensamentos oníricos no sentido de restos diurnos.

Freud escreve, depois de citar alguns exemplos, que “O ‘fenômeno funcional’, ‘a representação de um estado, em vez de um objeto’ foi observado por Silberer principalmente nas duas condições de cair no sono e de despertar. É óbvio que a interpretação do sonho só se aplica ao segundo caso”. Ou seja, é óbvio, se começamos com a premissa de que a função dos sonhos é impedir o dormiente de despertar. Vale a pena citar em sua totalidade a irritável refutação do apelo de Silberer à atenção:

Silberer forneceu exemplos que mostram, de maneira convincente, que em muitos sonhos as últimas peças do conteúdo manifesto, que são imediatamente seguidas pelo despertar, não apresentam, nem mais nem menos, que uma intenção de despertar ou o processo de despertar. A representação pode ser em termos dessas imagens como cruzando um limiar (“simbolismo do limiar”), deixando um quarto e entrando em outro, partida, chegada, compartilha com uma companhia, mergulhando na água etc. Não posso, contudo, deixar

de observar que me deparei com elementos oníricos que podem ser relacionados ao simbolismo do limiar, em meus próprios sonhos ou das pessoas que tenho analisado, com muito menos frequência do que a comunicação de Silberer poderia nos fazer esperar.

De nenhuma forma é inconcebível ou improvável que esse simbolismo do limiar possa lançar luz sobre alguns elementos do meio da textura dos sonhos ... em locais, por exemplo, onde existe uma questão de oscilação da profundidade do sono e de uma inclinação a interromper o sonho. Contudo, exemplos convincentes disso não foram apresentados. O que parece ocorrer mais frequentemente são os casos de supradeterminação, em que parte do sonho que derivou seu material do nexos dos pensamentos oníricos é empregada para representar e acrescentar certo estado da atividade mental.

Esse interessante fenômeno funcional de Silberer tem levado (embora sem nenhuma falha de seu descobridor) a muitos abusos; pois tem sido visto emprestando apoio à velha inclinação de atribuir interpretação abstrata e simbólica aos sonhos. A preferência pela “categoria funcional” é levada tão longe por algumas pessoas que elas falam do fenômeno funcional sempre que as atividades intelectuais ou os processos emocionais ocorrem nos pensamentos oníricos, embora esse material não tenha mais nem menos direito [sic!] que quaisquer outros a entrar no sonho como restos diurnos.

Silberer tem dado exemplos que mostram convincentemente que em muitos casos partes do conteúdo manifesto, que são imediatamente seguidos pelo acordar, tem a intenção de acordar ou estão no processo de acordar.

Estamos prontos a reconhecer o fato de que o fenômeno de Silberer constitui uma segunda contribuição, por parte dos pensamentos em vigília, à construção dos sonhos; embora se faça menos regularmente presente e menos significativo que o primeiro, que já foi introduzido sob o nome de “elaboração secundária”. (p. 504)

Freud, então, tenta incluir todo o fenômeno sob a rubrica da auto-observação e dos conceitos que recentemente havia apresentado no trabalho “Sobre o narcisismo”, assim contornando o problema central da representação simbólica dos estados da mente no dormiente como atividade onírica que possivelmente não poderia ser atribuída à simples descoberta de uma representação pictórica para os restos diurnos. Sem dúvida a evidência de Silberer de que o dormiente tinha um estado mental e que encontrava a representação simbólica no processo onírico ameaçava toda a estrutura da teoria de Freud de que o “trabalho onírico não está fazendo nada de original”.

Parece razoavelmente certo, a julgar pelo fato de que ele continuou a revisar a *Traumdeutung* até 1925, que Freud nunca abriu mão completamente das concepções sobre as quais sua teoria do processo onírico se fundamentava. Embora elas surjam repetidas vezes em notas de rodapé e escritos posteriores, como logo veremos, boa parte de seu modelo da mente se fundamentava na referência cruzada entre os sonhos e as psiconeuroses, de modo que ele não podia abrir mão de um sem que o outro desmoronasse por falta de apoio. A tese básica dos “dois princípios do funcionamento mental” (como ele a chamou posteriormente), ou seja, os princípios econômicos do prazer e da realidade, mais a distinção essencial entre o processo primário no inconsciente (o inconsciente sistemático distinto do inconsciente dinâmico ou descritivo) e o processo secundário no consciente e no pré-consciente,

encontrou uma expressão bem definida no Capítulo VII, que ele nunca abandonaria.

Tendo habilmente “sido capaz de encontrar um lugar em nossa estrutura para as mais variadas e contraditórias descobertas dos primeiros escritos” (p. 592), Freud, na seção sobre “O processo primário e o secundário”, defende sua opinião de que “tudo o que temos descrito como ‘trabalho onírico’ parece partir de maneira muito ampla do que reconhecemos como os processos do pensamento racional”, base para a caracterização da mentalidade do inconsciente. Ao assim proceder, é como se ele tivesse esquecido que a base para essa convicção é fundamentalmente dupla. No primeiro caso, baseia-se na hipótese de um censor (invisível) dos sonhos, para cuja existência ele, na verdade, não apresentou nenhuma prova, e no segundo, na hipótese igualmente não comprovada de que os sonhos são os guardiões do sono, contra a qual ele mesmo reconhece o grande número de evidências. Acrescente-se a essas duas hipóteses a forte evidência dos restos diurnos da vigília e das memórias infantis, e temos uma receita perfeita para o argumento tautológico. Seria mais ou menos isto: de uma vez que descobrimos que o conteúdo manifesto dos sonhos tem ligações discerníveis com alguns eventos do dia anterior e com a infância, como demonstram as associações do paciente, segue-se que esses restos diurnos e memórias estão criando uma tensão no sistema que deve ser mitigada por alguns meios se o sono, que presumimos ser um estado da tranquilidade e o afastamento de estímulos externos, deve ser preservado. Como isso deve ser feito sem ação, a menos que algum artifício seja usado para enganar o sistema em tensão fazendo-o crer que seu esforço foi satisfeito? Como existe um censor que sequer permitiria essa gratificação estimulada, esta, por sua vez, deve ser disfarçada para parecer absurda. Isso, contudo, não satisfaria as necessidades do órgão da consciência em sua busca por uma estrutura narrativa lógica, de modo que uma

revisão secundária se faz necessária para tornar os sonhos aceitáveis por todas as partes envolvidas.

Podemos afirmar, portanto, que se trata de uma teoria construída a partir de um modelo energético neurofisiológico da mente, que essa teoria trata suas hipóteses como se fossem fatos observados e se apegua a sua posição insustentável com todos seus artifícios, que atribui ao trabalho onírico. Não é uma teoria dos sonhos, é uma teoria da personalidade funcionando como uma complexa situação social e mais tarde será reafirmada como a teoria estrutural em *O Ego e o Id*.



“O sonho é a minha paisagem”, disse Meltzer. Neste livro, o autor restabelece a psicanálise como a arte de ler os sonhos e a vida onírica como o cerne dos processos mentais. Os sonhos não são apenas enigmas a serem decodificados, a manifestação de traumas passados ou a realização de um desejo futuro; são a tentativa da psique – com variados níveis de realização estética – de simbolizar os atuais conflitos emocionais a fim de uma reorientação para “o mundo real – isto é, a realidade externa e interna.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-538-1

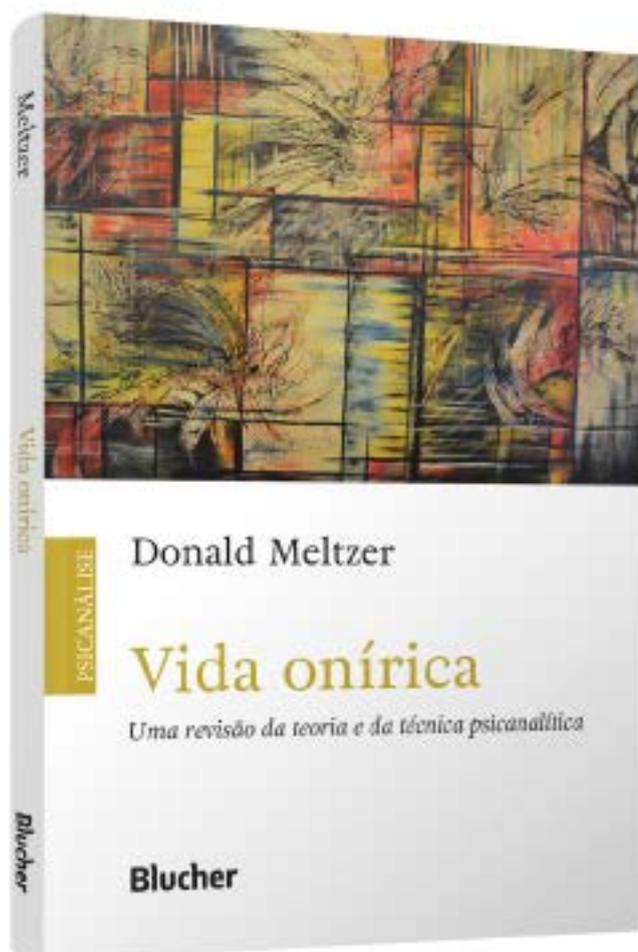


9 786555 065381



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Vida Onírica

Uma revisão da teoria e da técnica psicanalítica

Donald Meltzer

ISBN: 9786555065381

Páginas: 280

Formato: 21 x 14 cm

Ano de Publicação: 2022
